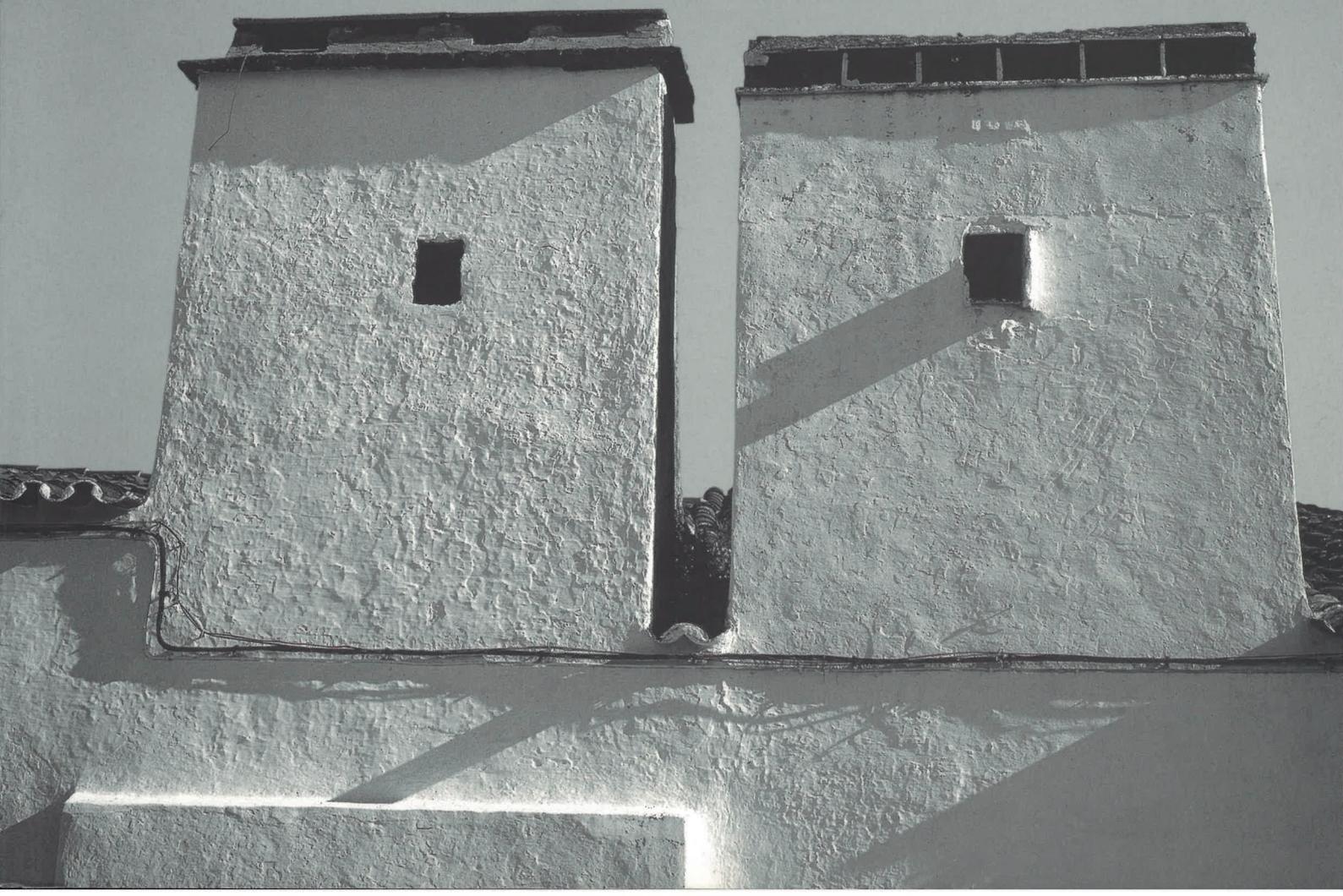


OLHAR O MONTE ALENTEJANO  
A PRETEXTO DE ALQUEVA



I. MEMÓRIAS	
Memórias alentejanas J.A. Capela e Silva	13
II. UMA PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA	
O monte alentejano – alguns contributos para uma perspectiva arqueológica António Carlos Silva	51
III. OS MONTES E OUTRAS MARCAS NA PAISAGEM	
Reflexões sobre a estrutura das paisagens do Nordeste Alentejano a partir de uma fonte de inícios do século XIX Filipe Themudo Barata   Joaquim de Carvalho	67
IV. EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO MONTE	
O monte alentejano, uma identidade de raízes ancestrais: contributos para o seu conhecimento e permanência Victor Mestre	85
V. OS MONTES DA LUZ ANTES DA SUBMERSÃO	
Levantamentos arquitectónicos de montes alentejanos: a aldeia da Luz Victor Mestre   Sofia Aleixo	105
VI. MONTES COM GENTE NA ALDEIA DA LUZ	
Conversas à mesa da memória do Museu da Luz: os montes da Luz Benjamim Pereira	123
VII UM CASO DE NOVOS USOS: A MUSEALIZAÇÃO DO MONTE DOS PÁSSAROS	
... Os montes crescem... Pedro Pacheco   Marie Clément	135
GLOSSÁRIO	149
BIBLIOGRAFIA	161

## Levantamentos arquitectónicos de montes alentejanos: a aldeia da Luz

Victor Mestre | Sofia Aleixo  
Arquitectos

### MEMÓRIAS

#### Zona alentejana

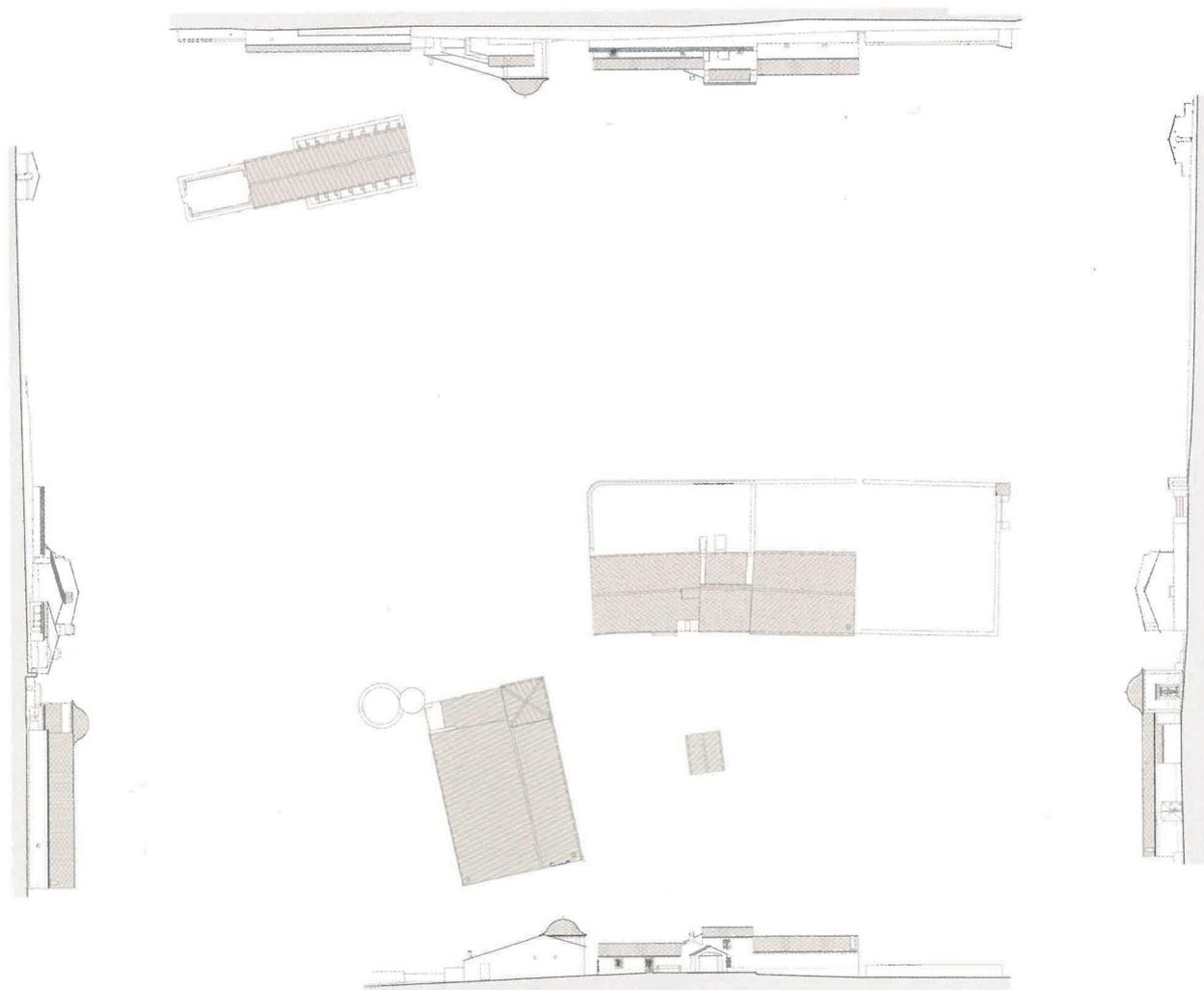
*“A paisagem, alentejana é de uma grande sobriedade de linhas: a planície — a «peneplanície» — aberta em campos de cereal e pousio, a perder de vista, e montados de sobreiros e azinheiros verde-escuros contra um céu límpido e brilhante, implacável para quem tem de andar ao ar livre, porque ‘no Alentejo não há sombra, senão a que cai do céu’.”*

Arquitectura Tradicional Portuguesa, Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Gálhano, Publicações Dom Quixote, Col. Portugal de Perto, p. 157

Mourão, terras de além-Guadiana, já quase fronteira. Terras de estio prolongado e de violentas bátegas de água. Sente-se o clima mediterrânico-continental. Trata-se de uma região dominada pelo latifúndio cuja produção era, nos tempos áureos, fundamentalmente de culturas de sequeiro, com especial destaque para o trigo. O azinho e o sobro formam os “montados” que também caracterizam a região. O “Monte” é a unidade agrícola de assentamento rural composto pela casa principal e, em redor, os edifícios de apoio às actividades da lavoura, formando no seu conjunto um pátio.

A baixa densidade populacional é acentuada, e as relações de vizinhança desenvolviam-se por via de um acompanhamento visual entre montes. Quase todos os Montes estão implantados abaixo das pequenas linhas de festo para melhor abrigo dos ventos. A sua exposição solar entre os quadrantes oriente-ocidente procura o conforto da sombra no Verão e do sol acolhedor no Inverno. As civilizações antigas de maior herança, romana e árabe, deixaram as suas marcas nos costumes e nos valores materiais, como a fabricação de materiais tradicionais, tecnologias construtivas, organização espacial e expressão formal. Certamente, ter-se-ão mesclado, fazendo emergir uma cultura local. Hoje verificamos que estamos perante um impasse, talvez o fim de um ciclo. O abandono das actividades agrícolas tradicionais, o esgotamento do modelo económico e social, a par da crescente desertificação, quebraram os laços do Homem com a terra.

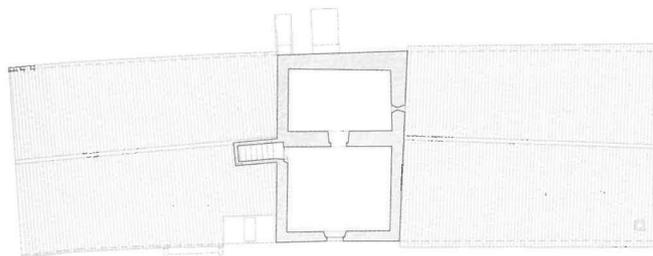
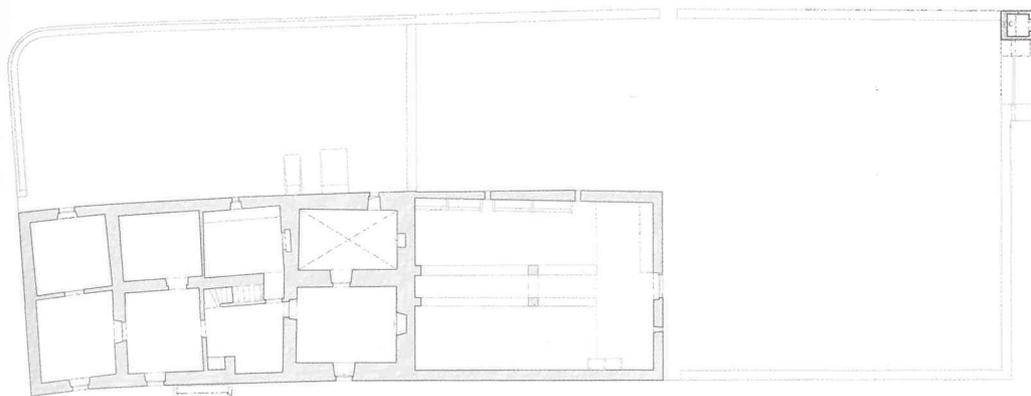
O Monte do Tocho e o Monte do Conde espelham esta alteração profunda. A sua ancestral vitalidade económica terá colapsado nos finais dos anos 50, tendo-se arrastado já num irremediável declínio até aos anos 90. O que sobra deles antevê a sua rápida transformação de arquitectura em arqueologia, que o tempo e o continuado abandono deixarão apagar ao raso do afloramento rochoso.



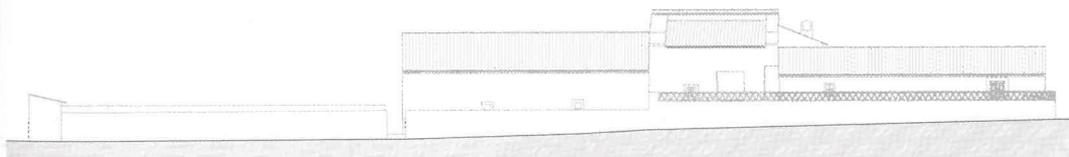
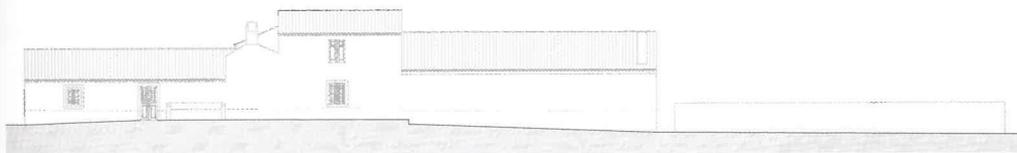
0 50 100 250 500m

MONTE DO CONDE - MOURÃO  
IMPLANTAÇÃO

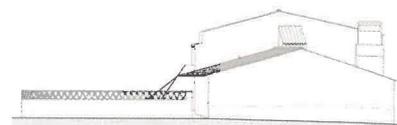
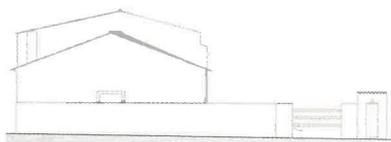
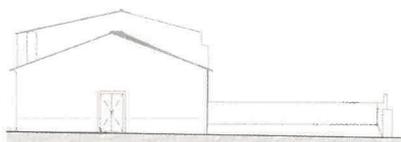
Monte do Conde  
Plantas e alçados



MONTE DO CONDE - MOURÃO  
HABITAÇÃO - PLANTAS E ALÇADOS



4. Monte do Conde  
O curral e a casinha da retrete
5. Monte do Conde  
A cerca do jardim  
exposta à paisagem



Monte do Conde  
Alçados

0 11 22 33 44 55 66 77 88 99 100m  
MONTE DO CONDE - MOURÃO  
HABITAÇÃO - ALÇADOS E CORTES

dormir dos filhos ou parentes próximos, enquanto o quarto principal, quase senhorial pelo aparato da abóbada, se localiza a ocidente, numa associação óbvia ao lugar nobre da casa, ou seja, a sala de jantar.

Entre estes dois núcleos localizam-se a “cozinha/sala”, a “cozinha/confecção” e a escada de acesso ao sótão, lugar onde se depositavam algumas das riquezas da produção agrícola. Ainda relativamente ao núcleo do quarto abobadado, este sugere-nos a possibilidade de ter sido construído ainda na tradição da casa nuclear torreada, mas já numa fase muito esbatida. Contudo, se observarmos a planta com cuidado, verificamos que a densidade destas paredes não só nos indica uma maior resistência aos impulsos laterais inerentes às cargas da abóbada de canhão e às abobadilhas de perfil metálico, como também aparenta ter estado associada a um núcleo inicial das cozinhas e escada, sala da entrada e quarto sul, que provavelmente terá recebido, posteriormente, a adição dos quartos localizados a oriente.

A chaminé, de grande dimensão, de saia corrida, e a escada de tiro com guarda de alvenaria caiada, posicionada no eixo da cobertura para melhor acessibilidade ao piso superior, asseguram a identidade da tipologia da casa alentejana. As copeiras de parede das cozinhas e sala e os piaís altos são também uma nota desta região.

O grande estábulo encostado à fachada poente da casa será posterior ao núcleo inicial. A sua dimensão, assim como a estrutura central constituída por dois pilares ligados por um arco, propiciam um espaço amplo e alto para melhor cubicagem de ar, favorável ao conforto dos animais. Os pilares centrais constituem os elementos reguladores do espaço e, entre eles, forma-se um corredor central por onde se acede aos animais dispostos na perpendicular. Fronteiro a este estábulo, localiza-se um curral exterior de grande dimensão e, no topo sudeste, situa-se, isolada, a casa da retrete.



6. Monte do Conde  
A cozinha de fora com  
o forno do monte
7. Monte do Conde  
O curral e respectivas  
manjedouras

A malhada encontra-se afastada da unidade principal por óbvia conveniência, e a sua localização a meia encosta com caimento para uma pequena linha de água revela-nos também a objectividade da escolha deste local. Esta malhada é modelar e, certamente, terá sido construída segundo um modelo/projecto durante a segunda metade do século XX.

De assinalar, ainda, o muro com grelha cerâmica, a sul, que configura um pequeno logradouro de recreio da casa de onde se desfruta de uma vista sem fim. Esta existência solitária mergulhada na vastidão do território teria no horizonte o único apoio (visual) face a uma urgência, ou seja, o apoio dos outros Montes à distância de um tiro, não de bala de um mosquete, mas do som do galope do cavalo, do tractor ou do automóvel. Quem viveu esses tempos certamente lembrará como ninguém a importância do surgimento das comunicações modernas.

E do **Monte do Conde** percorremos a pé o trilho que nos leva ao **Monte do Tocho**. Pelo caminho, vamos observando a ondulação do território, a fragilidade dos solos onde a pedra miúda parece sobrepor-se ao solo, cansado de ser revolvido, que vai erodindo ano após ano. O solo só ganha espessura quando nos aproximamos da linha de água por onde corre um riacho de Inverno, formando pegos no Verão. Hoje, quando olhamos o lago e vemos a paisagem submersa, apercebemos-nos da profunda transformação deste lugar.

Ao chegarmos ao **Monte do Tocho**, caminhamos sobre o afloramento xistoso. A sua presença, sabiamente aproveitada, domina o pátio central. Todas as construções de taipa pousam sobre ele ou em declives desfavoráveis, como de tradição, sobre um murete/embasamento em xisto e de outras pedras de diferentes características geológicas.

Este Monte é, sobretudo, uma unidade agrícola exemplar em termos de complexidade e funcionalidade. A casa do lavrador mantém exteriormente a austeridade habitual da casa alentejana, mas interiormente verificamos que a organização espacial é quase sofisticada. Esta caracterização advém da forma como os espaços vão ganhando identidade, reserva e harmonia. De facto, gostaríamos de caracterizar a espacialidade desta casa pelo acerto de escala e proporção dos espaços. A proporção “ad quadratum” parece dominar os espaços mais nobres, de onde se destaca o quarto abobadado cujo “módulo” parece que servira de “bitola” para os outros confinantes. As alcovas e a sala comunicante para ambas são também uma unidade dentro da unidade. Nesta, podemos observar uma das particularidades construtivas mais interessantes: as vigas de xisto que atingem mais de cinco metros de comprimento. Esta solução de vigas de xisto (aplicadas como se fossem barrotes) suportam tectos de placas de xisto que recebem sobre estas um revestimento de tijoleira tradicional, aumentando o peso de

8. Monte do Tocho  
O grande pátio central onde se preparavam as actividades ligadas à transformação e ao armazenamento dos produtos da terra, onde se tratava das alfaias e se aparelhavam os animais

9. Monte do Tocho  
Compartimento com vigas de xisto

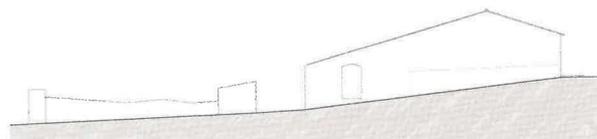
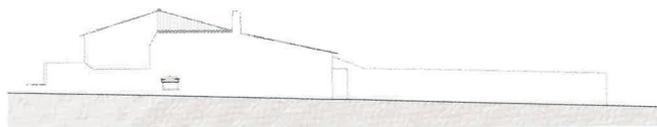
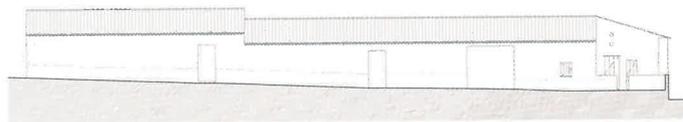
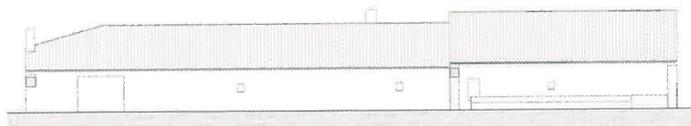
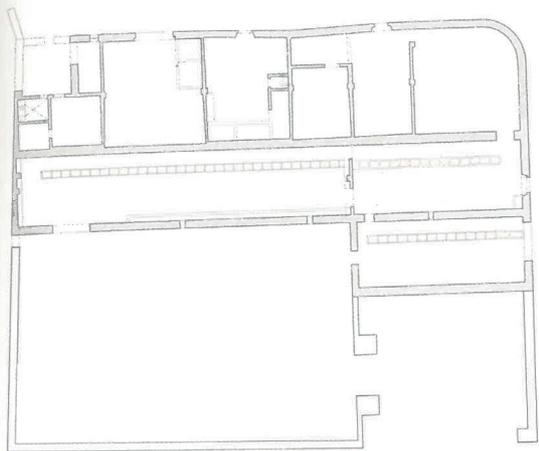


forma significativa. Mas mais surpreendente será o facto de estas vigas pousarem directamente sobre a taipa sem qualquer lintel degradar as forças, sugerindo-nos que esta taipa será composta por uma granulometria homogénea e com cal misturada, portanto uma taipa rica. Os outros compartimentos contíguos têm como suporte estrutural as abobadilhas de perfil metálico, provavelmente após uma campanha de obras em que se terão substituído as vigas de xisto. Todos os restantes têm a armação das coberturas à vista e são em madeira no sistema de telha de canudo sobre o fásquiado.

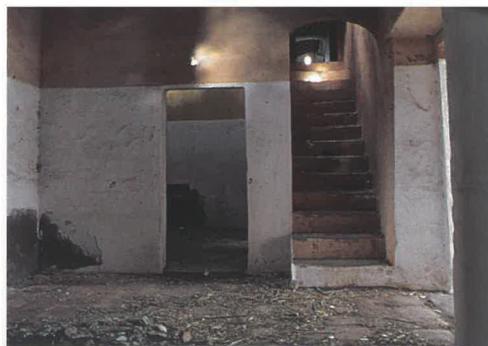
O acesso à casa é central. Entra-se para uma saleta/átrio, um pouco no espírito da “casa da entrada”. Eixos centrais vão percorrendo compartimentos. Daí que a hierarquia dos espaços seja conseguida através da cadeia de relações familiares, respectivamente a zona das alcovas (filhos) e respectiva sala/câmara, seguindo-se as salas de jantar e de estar localizadas na charneira do quarto de casal (abobadado) localizado no fim do circuito, embora a partir deste se aceda a um novo eixo que termina nas dependências onde se armazenavam produtos da lavoura com valor económico relevante para consumo da casa, como o azeite, o vinho e as salgadeiras. No fim deste circuito está a cozinha e, ao lado, a casa do forno. Esta casa terá tido algumas alterações na organização funcional, nas últimas décadas do século XX, o que nos deixa algumas interrogações face a uma planta original. Merecem-nos ainda especial destaque os notáveis piaís/cama em longas lajes de xisto, apoiados em muretes de tijolo tradicional rebocado que terão servido de dormitório aos trabalhadores sazonais.

No compartimento central, com aproveitamento do maior desvão da cobertura e iluminado por um vidro em substituição de uma telha, localiza-se uma escada apertada e empinada que acede ao piso superior. Trata-se do celeiro onde se guardavam a produção cerealífica e outros produtos e objectos valiosos. A imensa “esteira” de tijolo lambaz, que atrás referimos, apoia-se sobre as placas de xisto. Um subtil sistema de aberturas nas empenas assegura o arejamento adequado que mantém uma temperatura estável e impede a acumulação de humidades indesejáveis à boa manutenção dos produtos ali guardados. O estábulo e o palheiro localizados a sul envolvem a casa, e a sua localização terá a particularidade de se adaptar ao terreno já numa implantação de cota inferior, beneficiando do declive para o correcto escoamento dos líquidos excedentários dos estrumes provenientes das camas dos animais. A queijaria topeja o pátio a sul e articula-se com a porta do estábulo maior. No seu tardoz, uma pocilga funcionaria como apoio directo aos excedentes domésticos diários. No topo norte fica a casa da carrinha com uma parte quase encerrada, enquanto à frente e no alinhamento do plano marginal da casa fica o telheiro para aparelhar o animal à carrinha, apoiado num expressivo pilar de secção quadrangular.

Monte do Tocho  
Planta e Alçados



10 e 11. Monte do Tocho  
A escada de acesso ao sótão  
onde se guardavam os cereais  
e outros bens preciosos



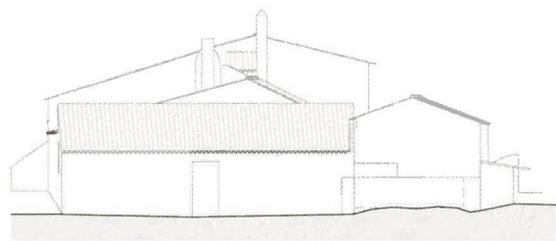
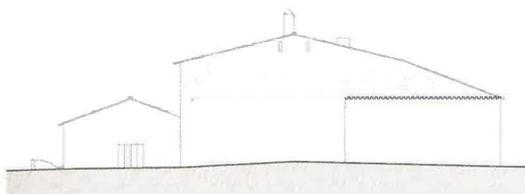
Monte do Tocho  
Planta



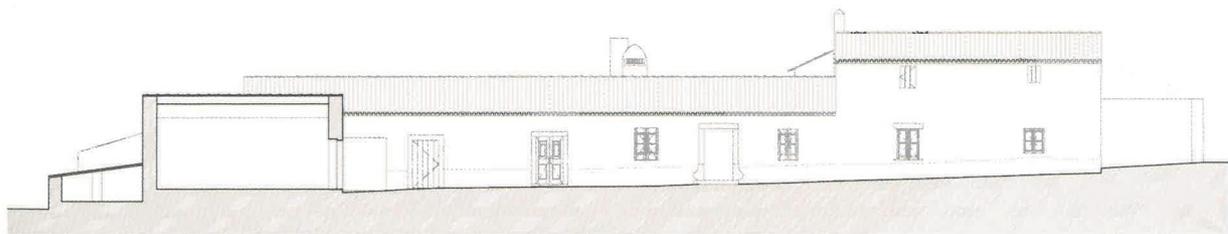
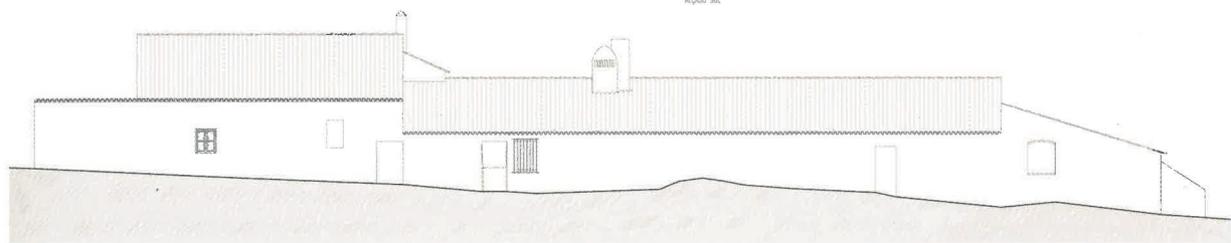
MONTE DO TOUCHO - MOURÃO  
HABITAÇÃO - PLANTA, CORTES E ALÇADOS

PLANTA PISO 1

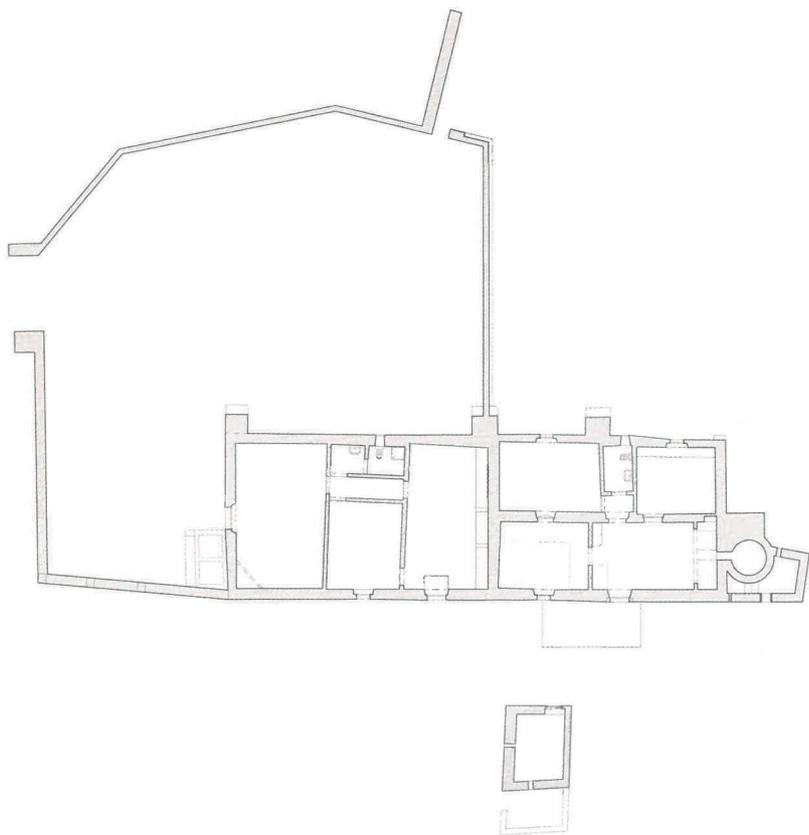
Monte do Tocho  
Alçados



ALÇADO SUL



12. Monte dos Pássaros  
Uma estrutura de acentuada horizontalidade  
onde se integram linearmente a casa  
e os apoios agrícolas



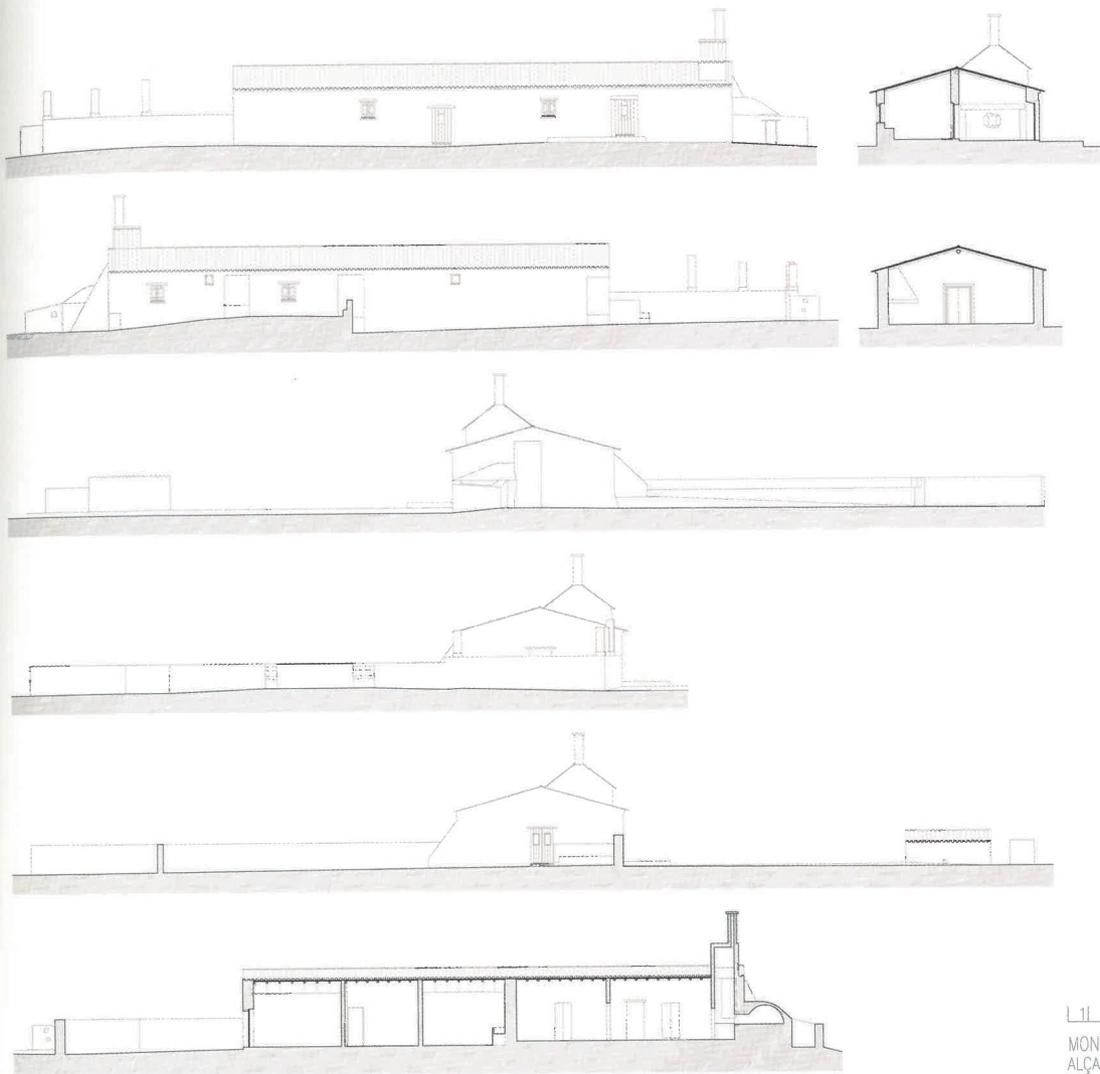
Monte dos Pássaros  
Planta



0 5 10m

MONTE DOS PÁSSAROS - MOURÃO  
PLANTA DO PISO TERREO

Monte dos Pássaros  
Alçados



11 5 10m

MONTE DOS PÁSSAROS - MOURÃO  
ALÇADOS E CORTES



Na face nascente do pátio fica a grande unidade de apoio às actividades rurais. Trata-se de um notável conjunto de espaços articulados entre si, onde se destacam o abegão e a respectiva forja com porta para o pátio, o celeiro, o galinheiro e coelheira, o pombal, a casa das alfaias e a cavalaria. Num nível inferior e ao correr de toda a construção, localizam-se os currais cobertos e, aproveitando o declive fronteiro, o curral a céu aberto. No topo sul do conjunto, localiza-se a retrete.

A implantação do conjunto arquitectónico merece-nos uma especial atenção pelo entendimento global dos aspectos funcionais, como as drenagens das águas pluviais e resultantes da vida doméstica, bem como os quadrantes relativos ao vento e ao sol. Tudo se harmoniza com a paisagem e procura simplificar a vida árdua da lida dos campos.

O *Monte dos Pássaros* implanta-se junto à estrada de acesso à antiga aldeia da Luz. Era o seu primeiro sinal físico na aproximação à pequena urbe. De reduzida dimensão, organiza-se funcionalmente a partir da casa de habitar, de onde se destacam a cozinha, a chaminé, o forno e os apoios agrícolas, paredes meias sem comunicação interior. A zona de apoio ainda preserva alguns traços da memória inicial, nomeadamente a manjedoura do pequeno estábulo, localizada na parede-empena que separa a zona de habitar dos apoios agrícolas, e o compartimento a nascente onde ainda se pode observar uma lareira de canto com fogo de chão, provavelmente a casa da malta, ou seja, o local de pernoita dos trabalhadores sazonais. Os restantes espaços sofreram alterações para adaptação a duas unidades funcionais dotadas de sanitários.

Exteriormente, o pequeno Monte preserva a sua identidade física e ainda mantém a integridade da envolvente, de onde se destacam a cerca a nascente-sul e o pequeno curral no pátio fronteiro. Importará salvaguardar a envolvente como parte integrante da identidade do lugar, sob pena de se descontextualizar a unidade do conjunto.

Os *Montes do Tocho*, do *Conde* e dos *Pássaros* fazem parte de uma grande unidade territorial, onde outros Montes, alguns deles de ancestral fundação, representam uma substancial identidade na paisagem humanizada. O património difuso – como currais, poços, tanques, bebedouros, fontes, picotas, noras, cruzeiros, alminhas, muros e um sem-número de intervenções de apoio às actividades agrárias –, juntamente com caminhos, estradas, pontes, açudes, quebra ventos, plantações planeadas, culturas introduzidas, são a expressão antiga e duradoura de uma forma de habitar no espaço, de o modelar e ajustar ciclicamente às necessidades do homem, sem esgotar, sem comprometer o futuro de novas gerações de homens, de animais, de plantas, de seres vivos...

## Ficha Técnica

### Coordenação editorial

Maria João Lança

### Textos

António Carlos Silva  
Benjamim Pereira  
Filipe Themudo Barata  
J. A. Capelo e Silva  
Joaquim de Carvalho  
Marie Clément  
Pedro Pacheco  
Sofia Aleixo  
Victor Mestre

### Transcrição do texto de Capela e Silva

Paulo Lima

### Fotografia

[capa e separadores]  
António Cunha  
[separador "Os montes da Luz antes da submersão"]  
Victor Mestre  
[separador "Monte dos Pássaros"]  
Pedro Pacheco  
[restantes artigos]  
Arquivo Museu da Luz  
António Carlos Silva  
Benjamim Pereira  
Filipe Themudo Barata  
Gonçalo Themudo Barata  
Nuno Borda D'Água  
Pedro Pacheco  
Sofia Borges  
Victor Mestre

### Vídeo *Conversas à mesa da memória*

Sérgio Costa

### Revisão de texto e glossário

António José Massano

### Design

Atelier Henrique Cayatte,  
Mónica Lameiro  
Pedro Gonçalves  
Sara Aguiar

### Pré-impressão

Critério, Produção Gráfica

### Impressão e acabamento

Norprint

### Tiragem

1000

### ISBN

978-972-8666-09-5

### Depósito legal

259140/07

EDIA/Museu da Luz, Beja, Maio de 2007

ISBN 972-8666-08-X



9 789728 666088

